

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

WILLIAM DA SILVA OLIVEIRA

A VERDADE EM SANTO AGOSTINHO

Goiânia
2019

WILLIAM DA SILVA OLIVEIRA

A VERDADE EM SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG) como requisito para a aprovação no Curso de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Me. Waldir Souza Guimarães

Goiânia
2019

Dedico este trabalho a Deus, porque sem a sua graça eu nada sou. À virgem Maria e São Gaspar Bertoni, por suas intercessões contínuas e constantes em minha vida e em minha história. À minha família, à congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, aos meus amigos, colegas, professores e formadores de forma especial. Ao povo de Deus que me acompanha pelas orações e preces.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me deu forças para começar e concluir este trabalho. Agradeço à bem aventurada e sempre Virgem Maria, que me acolheu e me acompanha sempre em seus braços de mãe. A São Gaspar Bertoni que, em sua congregação, me inspira intercedendo junto a Deus pelos seus filhos e filhas espirituais. Agradeço à minha família, nas pessoas de meus pais, Márcia Regina da Silva Oliveira e Geraldo Cardoso de Oliveira, meu irmão Luan Marcelo da Silva Oliveira e meus avós Valdivia Nunes da Conceição Silva e Albertino Soares da Silva, que não mediram esforços para me ajudar nos meus estudos e no processo vocacional; nas pessoas deles agradeço toda à minha família. Agradeço à congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que me proporcionou o necessário para a minha caminhada nessa etapa de formação. Agradeço aos irmãos padres dessa família religiosa: Bruno, Silvino, Isaac, Divino, Alex, Josinaldo, Idelfonso e Ruy. De forma especial agradeço aos meus amigos, Lucas Raymundo, Padre José do Patrocínio, Dom José Aristeu, Filipe César, Rafael Arcanjo, Robson Ribeiro, Cleyton Gonçalves e Jonatha Leandro. Agradeço também a Waldir Souza Guimarães, que com disponibilidade, paciência, fraternidade e amizade me acompanhou neste trabalho e aos demais professores que contribuíram em minha formação acadêmica: Pedro Adalberto, Marcelo Gabriel, Marcos Vinícius, Wanessa Damasceno, Eliana Curado, Mário Júnior, José Ternes e Denis Borges. Enfim, agradeço ao povo de Deus que com orações e preces incentiva na realização da minha vocação, juntos na unidade somemos forças para uma realidade de paz e amor.

*"Muito se fala em mudar a realidade em
que se vive, mas pouco se fala em mudar
a si mesmo".*

Waldir Souza Guimarães - Professor de
filosofia.

RESUMO

Santo Agostinho é um dos destaques, dentre tantos padres da Igreja, a deixar como testemunho sua própria vida, colaborando para o pensamento cristão. O tema desta pesquisa, *A verdade em Santo Agostinho*, tem como objetivo discutir a questão norteadora de sua vida: sua constante inquietude em busca da verdade. Na trajetória de suas experiências e questionamentos, ele começa a compreender que seu desejo era ir além do já experimentado. Havia um desejo de encontrar algo que ainda não tinha identificado, por isso começa a procurar de todas as formas possíveis um conhecimento verdadeiro. Muitas dessas formas acabavam por dificultar sua busca. Por exemplo, quando mergulha numa vida profana e incoerente ao olhar dos cristãos. Ele se envolve com várias mulheres e conhecimentos equivocados e incapazes de responder seus questionamentos. Diante desses desafios, o filósofo percebe-se incompleto, pois no seu íntimo tendia a chegar ao conhecimento verdadeiro. Percebe, então, que a verdade que tanto buscava não se encontrava nos prazeres da carne, mas no espírito. As pregações do Bispo Ambrósio, a leitura dos escritos paulinos e as influências do pensamento platônico preencheram seu vazio. Com a intercessão de sua mãe, Mônica, Agostinho se encontra com a verdade, o conhecimento de Deus. Posteriormente, afirma em um dos seus escritos que finalmente tinha percebido que o que buscava fora, estava dentro dele. Neste trabalho, apresento um pouco da trajetória do Santo, suas inquietações, perdições, contradições e todos os meios utilizados por ele para chegar ao conhecimento da verdade. Não a descoberta de uma verdade qualquer, mas o encontro com o conhecimento verdadeiro, a verdade suprema, que é o próprio Deus.

Palavras-chave: Santo Agostinho, Verdade, Conhecimento, Interioridade, Busca.

ABSTRACT

St. Augustine is one of the highlights, among so many priests of the Church, to leave his own life as a testimony, contributing to Christian thought. The theme of this research, *The Truth in St. Augustine*, aims to discuss the guiding question of his life: his constant restlessness in search of the truth. In the course of his experiences and questions, he begins to understand that his desire was to go beyond what he had already experienced. There was a desire to find something you had not yet identified, so you begin to seek true knowledge in every way possible. Many of these forms made it difficult to search. For example, when you immerse yourself in a profane and incoherent life in the eyes of Christians. He engages with various women and knowledge misguided and unable to answer their questions. Faced with these challenges, the philosopher perceives himself to be incomplete, because in his heart he tended to arrive at true knowledge. He realizes, then, that the truth he sought so much lay not in the pleasures of the flesh but in the spirit. Bishop Ambrose's preaching, the reading of Pauline writings, and the influences of Platonic thought filled their void. With the intercession of his mother, Monica, Augustine meets the truth, the knowledge of God. He later states in one of his writings that he had finally realized that what he sought outside was within him. In this paper, I present a little of the Saint's trajectory, his concerns, his forgiveness, his contradictions and all the means he uses to reach the knowledge of the Truth. Not the discovery of any truth, but the encounter with true knowledge, the ultimate Truth, which is God Himself.

Key words: St. Augustine, Truth, Knowledge, Interiority, Search.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 AS INFLUÊNCIAS SOFRIDAS POR SANTO AGOSTINHO NA BUSCA PELA VERDADE.....	12
1.1 O Ceticismo: A impossibilidade de conhecer a verdade	12
1.2 O Maniqueísmo: A dualidade do bem e do mal e a verdade racional e inflexível	15
1.3 O Neoplatonismo: A verdade é inteligível e imutável	19
2 A VERDADE SEGUNDO SANTO AGOSTINHO APÓS A CONVERSÃO	23
2.1 A verdade e a verdadeira religião	23
2.2 Deus como princípio de todas as coisas: fé e razão	27
2.3 O conhecimento de Deus como verdadeiro: a veracidade dos sentidos e das ciências.....	31
3 UMA PERSPECTIVA DE VIDA FELIZ APÓS O ENCONTRO COM A VERDADE	37
3.1 Deus e sua verdade: a felicidade é a própria verdade	37
3.2 A beatitude entendida como felicidade	41
3.3 A vida feliz que se dá somente junto a Deus	45
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

Todo homem tem sede de conhecimento e deseja no mais íntimo encontrar o que procura; todos querem respostas a seus inúmeros questionamentos. E a Filosofia, sempre em busca de algo a mais, não se satisfaz com as respostas dadas ou encontradas e não poderia ficar longe desta realidade. Pode-se dizer que toda essa busca é simplesmente o desejo de encontrar a verdade, desejo que é próprio do homem. Sabemos que é característica do mundo contemporâneo nos apresentar várias respostas, aos nossos questionamentos com características de verdade. É, por isso, que o homem continua na busca incansável da única verdade.

Santo Agostinho, desejando encontrar esta verdade, buscou-a durante toda a sua vida. Esse era o motivo de sua grande inquietação: a busca pelo conhecimento adequado. Em sua busca filosófica o filósofo abandona o conhecimento exterior e faz uma profunda introspecção descobrindo assim a verdade no interior do seu ser. Nesse sentido, a verdade se torna um tema relevante; é importante dentro da discussão filosófica em torno do saber imutável. Desse modo, Agostinho passa a refletir melhor sobre a finalidade de sua vida e visa alcançar uma vida feliz junto ao conhecimento verdadeiro.

Vamos perceber no decorrer desta monografia, que o filho de Mônica percebia dentro de si um vazio que lhe causava grande inquietação. E tentava encontrar respostas de diversas formas diferentes. A vida humana é repleta de reflexões. Logo, há questionamentos do tipo: existe uma verdade? É possível conhecer o verdadeiro? O homem é feliz ao encontrar a verdade? Dentro dessa perspectiva Agostinho procurou responder tais indagações em seu itinerário filosófico em prol da questão da verdade. Algo proveniente dos homens que buscam o sentido de sua existência.

Esse trabalho monográfico tem como objetivo de mostrar que a filosofia agostiniana é uma constante busca da verdade, que culmina na verdade em Deus. O trabalho está dividido em três capítulos assim distribuídos:

No primeiro capítulo, trataremos dos aspectos fundamentais das influências sofridas por Santo Agostinho em busca da verdade, a sua passagem pelo ceticismo, ao ficar indiferente ao conhecimento verdadeiro. Abordaremos sua vivência por mais de nove anos na seita maniqueísta e por último falaremos sobre a sua experiência

no neoplatonismo: corrente filosofia que influenciou aspectos espirituais que posteriormente culminaram em sua conversão.

O segundo capítulo trata da verdade em Santo Agostinho segundo a teoria da iluminação, a qual nos apresenta o conhecimento de Deus como a própria verdade que se realiza na verdadeira religião. No segundo momento, será abordada a questão de Deus como princípio de todas as coisas; a necessidade harmônica entre a fé e a razão para tal conhecimento; por último a veracidade dos sentidos e das ciências para a realização e participação do homem na verdade.

No terceiro capítulo será mostrada a perspectiva da vida feliz após o encontro com o verdadeiro. No primeiro momento, a felicidade consiste no encontro com Deus. No segundo, a vida beata está presente na felicidade com Deus e, por último, a vida feliz sendo participante da verdade.

Vamos perceber também neste trabalho que a filosofia agostiniana é um movimento incessante em busca do conhecimento. A vida de Agostinho é marcada pelo desejo de encontrar a verdade que lhe pudesse servir como um direcionamento ao caminho correto. O modo agostiniano de pensar não é em nenhum momento a negação da racionalidade (irracionalismo) ou o desejo de impor a vontade sobre o intelecto (voluntarismo). Mas coloca a fé como condição para entendê-lo.

A verdade está no interior do homem, sendo eterna e imutável. Agostinho tenta esclarecer de onde pode emanar essa verdade. Ela não origina das sensações, porque essas são e não são, ou seja, mudam. Tampouco do espírito humano, que ainda que seja profundo, é limitado. Em vida, o homem participa de reflexos da verdade eterna que, por sua vez, não pode ser conhecida de forma total, mas vivenciada na intimidade pessoal de cada homem com Deus.

Diferente de Platão, conhecer verdadeiramente é estar em contato com o mundo inteligível, Santo Agostinho nunca dirá que vemos as verdades em Deus, mas que participamos da luz da razão eterna. Não se deve ignorar, por outro lado, que essa solução para o tema do conhecimento corre o risco de não distinguir de forma adequada o conhecimento natural do conhecimento sobrenatural. Mas essa é uma questão que só será levantada mais tarde na Idade Média.

Contudo, o conhecimento do correto que todo homem busca conhecer está presente em Deus, e para ser conhecedor dessa verdade é necessário que o homem a encontre pelo viés da interioridade. Não se pode chegar a Deus pela matéria, mas só pelo interior. Assim, sendo Deus é a causa de todas as coisas,

porque é o Ser por essência. O conhecer verdadeiro é elevar-se a Deus, uma vez que a luz divina ilumina a mente humana para o saber verdadeiro e adequado da verdade.

1 AS INFLUÊNCIAS SOFRIDAS POR SANTO AGOSTINHO NA BUSCA PELA VERDADE

Agostinho sempre experimentou interiormente o desejo de buscar uma vida feliz. Nessa busca, ele passou por várias correntes de pensamentos filosóficos, tentando encontrar uma verdade que acarretasse um encontro com a felicidade. Buscou resposta no maniqueísmo, mas insatisfeito, adotou o ceticismo e somente no neoplatonismo começou o encontro com aquilo que é verdadeiro, uma luz em meio à escuridão de conhecimento que Agostinho procurou por toda vida.

1.1 O CETICISMO: A IMPOSSIBILIDADE DE CONHECER A VERDADE

Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, perto de Hipona, (atualmente na Argélia), na província romana de Numídia, no dia 13 de novembro de 354. Seu pai Patrício, um modesto proprietário e conselheiro municipal, era pagão, mas se converteu ao catolicismo antes de morrer. Sua mãe, Mônica, com sua firme fé e seu coerente testemunho de vida cristã, depositou em Agostinho valores pelos quais mais tarde o mesmo se tornou grato em virtude da educação recebida.

Desde jovem, Agostinho teve uma inquietação pela busca da verdade; seu espírito questionador e crítico fez com que ele buscasse seguindo a força única da razão. Nesse sentido o bispo de Hipona, temporariamente passou pelo ceticismo, cuja linguagem nega a possibilidade de conhecimento do verdadeiro e suspende o uso do julgamento que, posto em prática, impossibilita o indivíduo do uso da razão.

Após vivenciar por mais de nove anos no maniqueísmo e adotando o ceticismo como uma opção de vida, o filho de Mônica não se encontrava feliz em sua terra natal. A felicidade é a constante realização do homem; nessa realização este se encontra satisfeito consigo mesmo e com o que faz. A felicidade é uma busca, é uma eterna caminhada em que o homem segue em direção à verdade. O pensamento cético trouxe a Agostinho uma infelicidade grandiosa, uma vez que ele se encontrou perdido e confuso consigo mesmo. O espírito do bispo clamava por uma liberdade interior que brotava de sua alma, a ponto de o mesmo perceber que isso custaria um passo adiante em sua vida e também em sua história.

A decisão de mudança na vida de todo homem requer transformações, dado que uma mudança transforma tanto o indivíduo como também quem está ao seu

lado, muda o mundo, a sociedade e o ser¹. O bispo de Hipona vive sem uma verdade, vive na incerteza, na insegurança por não possuir forças para superar “abismos interiores” (cf. MARTON, 2005), dado que no ceticismo o homem suspende qualquer julgamento de juízo a ponto de ficar apático da verdade. A águia de Hipona passa a trilhar sua vida pelo abismo, o qual nem mesmo ele sabia de onde provinha, mas tinha a certeza que estava causando uma insatisfação em seu próprio eu. No entanto, ele mesmo se vê na necessidade de mudança. Era necessário enxergar com outros olhos o caminho que deveria seguir.

O ceticismo² não oferece resposta satisfatória aos questionamentos filosóficos do filho de Mônica; ele próprio carecia da presença do verdadeiro em sua vida. Viver uma vida onde não se possui uma verdade almejada causa um vazio ainda maior no interior do homem. Para os céticos não é possível conhecer a verdade, e a felicidade não necessita da verdade.

A passagem de Agostinho pelo ceticismo foi curta. O filósofo pretendia possuir um conhecimento compatível com seu rigor crítico, e a escola cética não era um ambiente que iria lhe favorecer esse conhecimento. Para conhecer a verdade é necessário que o indivíduo crie uma base interior, ou seja, o conhecimento da verdade suprema e incontestável para posteriormente dar uma explicação das bases exteriores, uma explicação de dentro para fora. Conhecimento da fé para a razão, do empírico para o *logos*.

O ceticismo ocasionou ao filósofo um mundo duvidoso; uma agonia pessoal tornou-se para ele uma viseira que lhe impulsionou muitas vezes a agir de maneira incorreta para o encontro do verdadeiro conhecimento, tanto que o mesmo em seu tempo de mudança e de busca via-se insatisfeito com os frutos que esta doutrina estava lhe oferecendo.

Foi necessário que o bispo de Hipona passasse pelo ceticismo. Só vivenciando e conhecendo a fundo uma doutrina podemos depois falar com propriedade e autenticidade sobre essa experiência. Segundo Tepe (1972, p. 135), “só se decidindo por um caminho determinado, engajando-se e arriscando-se é que o homem chega a ser personalidade marcada, definida, de real valor e não apenas imaginário ou potência”.

¹ O “ser” se trata da alma. Para Agostinho o ser humano é composto de corpo e alma, sendo que a alma é imortal e o corpo perecível; assim, o ser tende a ser perfeito diante de Deus.

² Doutrina de negação, descrença e dúvidas, o homem em si não tem bases interiores, é um ser descrente.

Posteriormente santo Agostinho irá apresentar críticas à academia cética em uma obra conhecida como *Contra os acadêmicos*. Mas só foi possível ao filósofo fazer essa crítica porque o mesmo passou por tal forma de pensar. Isso potencializou as suas críticas, pois, de fato, ele conheceu, viveu e posteriormente contra argumentou sobre as atitudes da academia cética.

O contexto da vida que Aurélio Agostinho estava passando impregnava seu interior de dúvidas, de obstáculos, de uma escuridão que não permitia ir além. Logo o ceticismo tornou-se para ele um fracasso, pois no seu interior pulsava algo que era verdadeiro, e o retórico de Cartago somente pretendia conhecer o verdadeiro meio de se chegar à verdade para uma vida ética³.

A academia cética⁴, que negava o encontro do homem com a verdade, torna-se um tormento para Agostinho. Este perdeu a esperança de encontrar respostas para os questionamentos presentes no seu interior. O pensamento cético propunha duvidar de tudo, impossibilitando qualquer conhecimento. O bispo de Hipona distancia-se desse pensamento e vê que ali não encontrará a resposta que ele acreditava encontrar. Agora inquieto por agitações interiores, prossegue seu caminho em busca de respostas convincentes.

Na sua juventude, Agostinho foi levado por pensamentos e atitudes que o desviaram do caminho correto⁵. Relata que teve influências que o levaram a acreditar que estaria seguindo acadêmicos capacitados no assunto, mas, na verdade, esta doutrina estava corrompendo o seu coração, como ele confessa em sua obra *Confissões*:

O fato de estar sem culpa e de não dever confessar o mal após tê-lo cometido satisfazia o meu orgulho; desse modo eu não permitia que curasses minha alma que pecara contra ti. Preferindo desculpá-la e acusar não sei qual outra força, que estava em mim, mas que não era eu, mas a impiedade me dividia contra mim mesmo. Acudira-me de fato a ideia de que os acadêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, e que o homem nada pode compreender de verdade, eu conhecia o pensamento deles, pelo que lhes era comumente atribuído, pois não compreendia ainda seus reais propósitos (AGOSTINHO, 1997, p. 133).

A vida do filho de Mônica é marcada por uma sede implacável da verdade; é por isso que a sua passagem pelo ceticismo se fez de forma rápida, pois o mesmo

³ Ética em Agostinho é a compreensão cristã de amor, mas especificamente *caritas* (caridade).

⁴ Nome dado aos indivíduos que seguem o pensamento cético de não acreditar na verdade.

⁵ O caminho correto é o caminho da verdade.

não poderia perder tempo em algo que não lhe trazia retorno e nem resposta. Nessa perspectiva, Agostinho compreende que o ceticismo não traz paz interior; era necessário buscar respostas que fossem de encontro à verdade.

A mudança de Agostinho para Cartago foi fundamental. Tornou-se motivo de mudança radical na vida do filósofo. Essa cidade era vista como uma cidade de grande estrutura, capacitada para acolher e oferecer novas fontes de vida para aqueles que vinham em busca de nova oportunidade. O retórico de Hipona sai de Tagaste carregado da doutrina cética, e não abandonaria tão cedo a mesma, até encontrar no território de Cartago uma outra doutrina que lhe vai incendiar a mente; esta também lhe favoreceria muitas oportunidades. A nova doutrina adotada pelo bispo, assim que chega a Cartago, denomina-se Maniqueísmo.

1.2 O MANIQUEÍSMO: A DUALIDADE DO BEM E DO MAL E A VERDADE RACIONAL E INFLEXÍVEL

O Maniqueísmo é uma seita fundada por Mani⁶ considerada gnóstica⁷ que possui aspectos filosóficos, mitológicos e cristãos. Os maniqueus defendem a existência de dois princípios absolutos, que é a natureza do sumo bem e do sumo mal. O sumo bem está ligado à luz e à alma, o sumo mal ligado às trevas e às coisas materiais.

A seita maniqueísta⁸ fundamenta o conflito entre a alma e o corpo, a alma voltada ao bem e o corpo ao mal. A seita fornecia interesses ao filósofo, pois havia detalhes que supriam as suas necessidades de explicação de caráter racional. Os maniqueus, oferecendo resposta de natureza cosmológica, aproximam Agostinho de uma explicação filosófica de que o pensador carecia.

Ao chegar a Cartago, Agostinho se encanta com tanta beleza; fica admirado e, com os olhos voltados para aqueles monumentos belíssimos, admira cada detalhe daquelas obras.

Indo a Cartago, pela primeira vez, com a idade de dezesseis anos, Agostinho escancarou seus olhos maravilhados diante de tanta beleza até então desconhecida, que emanava de todos os monumentos e das estátuas

⁶ Fundador da seita maniqueísta e se considerava um profeta.

⁷ Para os gnósticos o conhecimento era condição para a salvação. Por tanto, o pensamento gnóstico baseia na vivência do conhecimento aprendido. (ABBAGNANO, 1999, p.485).

⁸ Seita fornecedora de uma explicação de mundo puramente racional justifica a existência do mal.

de sugestivos contornos. Lá ele descobriu o amor com suas queimaduras e o fervilhar das paixões, com alternâncias de exaltação e vendida, de pudor e transbordamento (HAMMAN, 1989, p. 11).

Não é de se admirar que o retórico de Hipona ficasse encantado com tantas maravilhas. Agostinho ouvira falar desta cidade ainda jovem, mas nunca tivera oportunidade de conhecê-la. Cartago tornara-se a cada dia o centro de todas as atenções regionais. Com as invasões romanas, o intuito era dominar as terras africanas e fazer de Cartago uma Roma além do mar. E não eram poucas as transformações que Roma vinha deixando nessa cidade.

Os Romanos haviam reconstruído Cartago graças à prosperidade africana. César e Augusto haviam povoado com colonos procedentes da capital e das províncias da Itália fazendo-a uma verdadeira Roma ultramar. Esplendor do gênio romano, afagada pelo sol. Cartago inspirava os vates africanos, deslumbrados com sua beleza e romanizados pela sua cultura, mas cujo sangue continuava bárbaro (HAMMAN, 1989, p. 11).

O sonho do filósofo Agostinho em busca de uma nova vida começava a se realizar, mas ele não queria somente admirar estas obras, e sim ter um rumo em sua vida. O retórico queria tirar aquela solidão e angústia do seu coração; eis então uma nova vida, uma nova história a ser vivida pelo bispo. Somente as experiências passadas darão impulso para encontrar a sua paz. A inquietação do filósofo deriva do anseio de conhecer a verdade, mas ele não encontra meios corretos de chegar a ela.

Agostinho não queria ficar ocioso após dar o primeiro passo para alcançar o seu objetivo. Não esperaria ele que seu sonho chegasse até a sua pessoa, mas buscou acima de tudo realizar os seus objetivos. Inicia em Cartago a sua carreira, primeiramente lecionando retórica e gramática. Não tem, por certo, muitos documentos a afirmar como foi o dia a dia, do que leu no período enquanto estava lecionando nesta cidade. Afirma-se, no entanto, que o sucesso alcançou o professor de retórica e este, desde a sua juventude seguidor do ceticismo, agora na sua trajetória enquanto defensor desta doutrina irá mudar a sua concepção adotando a seita Maniqueísta, por volta de 373.

Vivendo em Cartago, Agostinho tem o primeiro contato com um livro chamado *Hortênsio*, escrito por Cícero, que fazia uma exortação ao estudo da filosofia. Agostinho cultivava o gosto pelos estudos de literatura, considerado por muitos como um grande leitor de sua época. Neste período, o professor de retórica

também possuía muitos amigos que, na medida do possível, lhe visitavam em sua residência. As leituras do docente vinham lhe propiciando muitas coisas, mas pelo mesmo hábito de ser um bom leitor, admirava as obras de Fausto, considerado um membro Maniqueu. Na verdade, Fausto era bispo da seita e se destacava por suas obras convincentes e coerentes com relação à doutrina que antes lhe aprazia a mente.

Após conversar com Fausto, Agostinho acaba por se tornar um seguidor da mesma seita, pois acreditava que os argumentos de Fausto eram mais verdadeiros se comparados com os argumentos céticos. A seita maniqueísta de tal forma desvirtuou o pensamento do filho de Mônica, que passava a acreditar através do Maniqueísmo que existem no mundo duas forças: a do Bem e a do Mal. Inserido nesta seita, o filósofo nem sequer acreditava que Deus tinha se tornado homem; deixou de crer em Jesus Cristo como salvador da humanidade.

Quando queria pensar no meu Deus, só sabia representá-lo sob forma de massa corpórea, parecia-me que não devia existir nada de incorpóreo. Esta era a principal, e talvez, a causa única do meu erro. Em consequência, eu deduzia que também o mal era uma substância desse gênero, ora massa escura e disforme, ora espessa, chamada terra, ora tênue e sutil, como o ar que os maniqueus imaginavam como um espírito maligno rastejando sobre a terra. Mas certa religiosidade que possuía me obrigava a crer que um deus bom não podia ter criado uma natureza má. Concluía aí que devia haver duas substâncias opostas entre si, ambas infinitas, sendo, porém a má em medida mais limitada, e a boa em medida mais ampla (AGOSTINHO, 1997, p. 134).

Decerto não é fácil encontrar a felicidade⁹ que tanto almejamos, e para que a encontremos, é necessário enfrentar pela força interior os obstáculos que a vida mostrará a todos. Não é pelos primeiros obstáculos que devemos desistir dessa caminhada. A vida por si mesma apresenta caminhos diversos a escolher e a seguir. Agostinho passou pela experiência, não somente de escolher, como também por obstáculos que lhe permitiam sentir no interior as consequências de cada escolha.

As tomadas de decisões de Agostinho, tanto em relação ao ceticismo como ao Maniqueísmo, trouxeram-lhe uma nova angústia interior, pois ambas continuavam a não oferecer o que ele tanto carecia para sua vida, como também não respondiam a suas indagações.

⁹ Felicidade para Agostinho é uma construção racional séria com revelação de Deus.

O encontro de Agostinho com o bispo Fausto aconteceu de forma muito decepcionante. As teorias do bispo maniqueu não estavam sendo claras o suficiente a ponto de responder às indagações do filósofo. A admiração que Agostinho possuía por Fausto se transformou em decepção, já que não obtendo respostas ao seu questionamento o retórico se vê decepcionado com a seita maniqueísta.

Inconformado por ter sido enganado pela seita dos maniqueus, mas continuando com a mesma até encontrar uma teoria mais convincente, Agostinho dá continuidade à sua profissão, em Cartago, como professor de retórica.

Apagado assim meu entusiasmo pelas obras maniqueístas, e nada podendo esperar dos outros mestres, já que o de maior fama se revelara tão incompetente diante dos problemas que me angustiavam, resolvi manter com ele relações baseadas apenas no grande interesse que mantinha pela literatura, que eu, como professor de retórica ensinava aos jovens de Cartago (AGOSTINHO, 1997, p. 127).

Com o coração agoniado e insatisfeito pela seita maniqueísta que incompetentemente foi incapaz de resolver seus problemas, Agostinho manteve relações com o bispo Fausto que giravam apenas em torno da literatura, já que ambos dominavam a retórica.

Tempos depois, Agostinho deixa de lecionar retórica em Cartago e parte em direção a Roma. Com o coração entristecido com o comportamento irregular dos seus alunos, ele que tinha tanto prazer em lecionar, se amargurou em ver em Cartago o desinteresse de seus alunos. Enfim, parte o doutor norte-africano no intuito de encontrar, em outro local, pessoas com mais interesses no aprendizado, já que este tinha tanto a oferecer através de seus conhecimentos.

Em Cartago, a liberdade dos estudantes é completamente desinibida, precipitam-se cingidamente sala adentro, em atitude furiosa, perturbando a ordem que o professor procura estabelecer entre os alunos, para o próprio benefício deles. Com insolência fazem frequentes provocações que seriam punidas por lei. Agrava-me por isso a ideia de transferir-me para um lugar onde conforme se dizia, não aconteceria o mesmo (AGOSTINHO, 1997, p. 130).

Agostinho afirma ainda que, o motivo maior de sua partida de Cartago para Roma, não se deu somente pela insatisfação ocasionada pelas respostas dos maniqueus, mas pelo simples fato de querer encontrar alunos mais dedicados em sua carreira atual como professor de retórica. Enfim, o bispo parte em busca de melhorias profissionais e de jovens mais competentes e dedicados. Segue

novamente em busca de sua felicidade plena¹⁰, realidade que ele não encontrou em Cartago. Eis então uma nova etapa em sua vida, agora situada em Roma.

1.3 O NEOPLATONISMO: A VERDADE É INTELIGÍVEL E IMUTÁVEL

O Neoplatonismo é uma síntese do dualismo platônico entre o sensível e o inteligível, o finito e o infinito, a matéria e a forma, uma elaboração sintética entre os polos que Platão havia criado. No desenvolver desse pensamento, nota-se que o principal objetivo dos neoplatônicos era formular um sentido espiritual às verdades religiosas de forma que ficasse clara ao entendimento humano, dando explicações místicas e espirituais para futuras fundamentações religiosas entre elas e o cristianismo.

No tempo de Agostinho, a corrente filosófica do neoplatonismo seguia sobre orientação do filósofo Plotino¹¹, que defendia o conceito de uma emanção ou um panteísmo platônico, em que o ser divino é idêntico ao ser humano. O uno (Deus) é causa da criação de todas as coisas; dele deriva em primeiro lugar o *nous* ou espírito, entrando assim em consonância com a ideia de mundo platônico; acredita que além do mundo dos sentidos (realidade concreta), existe um mundo abstrato chamado mundo das ideias (perfeito).

Para Plotino, do *nous* emana a alma que tem três sentidos distintos e hierárquicos. Primeiro, a alma suprema, que está intrinsecamente ligada ao *nous*; segundo, a alma do todo, que está vinculada ao universo físico e, terceiro, as almas particulares ou aquilo que anima os corpos e todos os seres vivos.

O encontro do filho de Mônica com os escritos neoplatônicos ocorreu no momento em que esse pensamento era influenciado pelo filósofo egípcio Plotino e seu discípulo Porfírio¹². Nesse período, o pensamento neoplatônico tinha características intrinsecamente voltadas à metafísica e a epistemologia, agregando sentidos espirituais de conhecimento religioso ligado à alma.

O pensamento neoplatônico aproximou Agostinho da doutrina religiosa cristã, dando sentido espiritual que ele mesmo foi convidado desde criança a

¹⁰ A felicidade plena para Agostinho tem uma peculiaridade, porque é um encontro pessoal com Deus, guiada pela razão.

¹¹ Grego egípcio, que havia lecionado em Roma e falecido em 270 (cf. BROWN, 2005, p. 110).

¹² Acadêmico de formação rigorosa, a quem Agostinho sempre chamou de “*doctissimus*” e de “o mais notável dos filósofos pagãos” (cf. BROWN, 2005, p. 110).

vivenciar. A linha filosófica de pensamento neoplatônica dizia que o homem, para se purificar e evoluir deve distanciar-se das carências do corpo e submeter-se à razão. Assim, o homem se aproxima da plenitude e da realidade original, que não está dentro da matéria, mas no bom uso da razão.

Agostinho tinha trazido uma grande dúvida do maniqueísmo, que é a problemática do bem e do mal. Na seita maniqueísta, o mal tem correlação com o bem, ambos possuem a mesma natureza, havendo assim um conflito entre alma e corpo, pois a alma é pura (de natureza boa) e o corpo corrompido (de natureza má). Vendo que a seita maniqueísta não tinha capacidade em responder a esse problema, eis que posteriormente o filósofo encontrará respostas pela realidade imaterial.

A partir do encontro com o neoplatonismo, Agostinho pôde conceber um entendimento metafísico, dando início a uma compreensão da interioridade. Antes ele buscava resposta pela via exterior, agora a encontra pela via interior. No neoplatonismo o homem é convidado a um olhar interior, a olhar para si mesmo, a contemplar seu íntimo e sua atitude diante da própria realidade existencial. A visão interior causa uma liberdade material e um encontro espiritual. Agostinho emancipou-se espiritualmente a partir do encontro que teve com o Neoplatonismo e com Santo Ambrósio:

Com a leitura dos livros neoplatônicos é revelada a Agostinho a realidade do imaterial, abrindo caminho para a sua conversão ao cristianismo e, a partir de um dos sermões de santo Ambrósio e dos escritos de São Paulo, Agostinho se converte totalmente à doutrina cristã (ANTISERI; REALE, 2003, p. 82).

Santo Ambrósio ajudou Aurélio Agostinho a entender o verdadeiro significado da linguagem bíblica, afastando-o cada vez mais do ceticismo, como apresenta em suas Confissões: “[...] o meu ceticismo começou a ceder. A partir daí, comecei também a opor-me aos que desprezavam e riam das leis dos profetas” (AGOSTINHO, 1985, p. 75). Abandonando o maniqueísmo, passa a dedicar-se totalmente às orientações filosóficas para a verdade incontestável das coisas invisíveis.

Dissertar sobre essa temática do neoplatonismo em Agostinho é relembrar o período crítico pelo qual estava passando em seu contexto histórico. O Neoplatonismo segue a orientação da doutrina platônica, que divide o mundo em

duas distintas dimensões: o suprassensível e o sensível, ou seja, o mundo superior perfeito e o mundo empírico.

Sobre essa orientação filosófica, averígua-se que a verdade consiste no nível superior do nosso pensamento, onde existe uma força que governa e que, ao mesmo tempo, é superior a todas as criaturas. Em Agostinho, vemos esta teoria transformada pelo Cristianismo, sendo que a partir daquele período esta força seria chamada de Deus, *Ser* que move e governa todas as coisas.

Agostinho, através do neoplatonismo encontra uma força superior em sua vida para chegar ao entendimento da verdade, por meio de três vias de conhecimento: a sensorial (onde a verdade é revelada de forma obscura), a racional (que nos dá a ideia das essências das coisas) e a intelectual (que fornece o conhecimento de si). Foi nessa forma de pensar que Agostinho se convenceu da existência de um mundo suprassensível, isto é, de um mundo espiritual que transcende o nosso mundo material e também de que há um Deus que é verdade imutável:

Entrei e, com aquela vista da minha alma, vi acima dos meus olhos interiores e acima do meu espírito, a luz imutável. Esta não era o brilho vulgar que é visível a todo homem, nem era do mesmo gênero, embora fosse maior. Era como brilhasse muito mais clara, e abrangente tudo com a sua grandeza. Não era nada disto, mas outra coisa, outra coisa diferente de todas estas (AGOSTINHO, 2001, p. 153).

O neoplatonismo convenceu-o em primeiro lugar de um conceito puramente espiritual de Deus como *Ser* perfeito e autor de todo bem. Respondeu à sua pergunta sobre o mal como ausência do bem. Tudo é necessariamente bom, já que a ideia de bem está ligada à ideia de ser. Deus não é a causa do mal e nem mesmo a matéria, pois esta é criatura de Deus. O mal passa a ser pensado como o não ser, o contrário de Deus, algo que não possui substância.

Tendo superado a sua dúvida sobre o bem e o mal, passa a ter uma visão espiritual das coisas. A águia de Hipona recorre aos escritos paulinos¹³, considerando-os como uma síntese dos pensadores platônicos:

Compreendi o aspecto único daqueles castos escritos e “aprendi a alegrar-me com o temor”. Comecei a tê-los, anotei que tudo o que de verdade tinha lido nos livros neoplatônicos, se encontrava naqueles, mas com essas recomendações da vossa graça: que aquele que vê não se glorie como se

¹³ Conjunto de todas as cartas consideradas de autoria de São Paulo.

não tivesse recebido não somente o que vê, mas também a possibilidade de ver (AGOSTINHO, 2001, p. 163).

No neoplatonismo, Agostinho conquista a clareza da existência espiritual e dessa perceptibilidade começa o seu encontro; aquilo que ele procurava na matéria já não possuía nenhum critério de verdade, pelo contrário, era enganoso. As dúvidas que provinham de seu coração, não encontraram respostas no ceticismo e no maniqueísmo. Tudo que o filósofo tinha aprendido até agora em busca do conhecimento verdadeiro começa a ter clareza na possibilidade de ver e conhecer a verdade como imutável e eterna.

Começa aqui o encontro com a verdade, as insuficiências e incoerências de respostas provindas de lugares errados onde Agostinho procurou passam a ter sentido a partir do seu encontro com o neoplatonismo e com os escritos do apóstolo Paulo. As inquietações das essências divinas, insondáveis e profundas começam a se revelar no coração do bispo, que dar início a um afastamento do mal e do erro, aprofundando-se no uso da fé para encontrar o supremo Bem e a suprema Verdade na vida interior.

2 A VERDADE SEGUNDO SANTO AGOSTINHO APÓS A CONVERSÃO

Neste capítulo será apresentada a verdade segundo a teoria da iluminação de Santo Agostinho. O retórico de Cartago afirma que a verdade somente é revelada e conhecida pela interioridade. *A verdadeira religião* é a obra em que o filósofo caminha intimamente ligado a Deus, apresentando a religião como único meio de contato real com a verdade. Será mostrado neste capítulo como Deus é o princípio de todas as coisas, e como a fé e a razão são vias importantes para conhecer o verdadeiro. Por fim, será abordado o conhecimento de Deus como verdade imutável e a veracidade dos sentidos e das ciências como via de conhecimento de Deus.

2.1 A VERDADE E A VERDADEIRA RELIGIÃO

Agostinho elabora a teoria da iluminação com o intuito de explicar como é possível ao homem receber de Deus o conhecimento das verdades eternas. Tal elaboração lhe fora dada a partir da influência de Platão. Ao descrever o conceito de verdade, afirma:

Não saias de ti, mas volte para dentro de ti mesmo, a verdade habita no coração do homem. E se não encontrar senão a sua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em ti ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão (AGOSTINHO, 2002, p. 98).

Parte de uma dupla convicção: a) que a verdade que é Deus revela-se à alma e não é uma certeza de conhecimento relacionado com os objetos da realidade sensível; e b) que a dúvida utilizada pelos céticos é uma obrigação metodológica ela não é uma conclusão, mas um instrumento, um meio para se aproximar da verdade. Duvidar de tudo significa duvidar da própria dúvida ou ter certeza da dúvida pela qual a mesma dúvida é a certeza absoluta da existência.

A verdade é Deus que habita no interior do homem, mas não se identifica com ele, e é com ela que a razão pode julgar as coisas no tempo e no espaço, como Agostinho observa:

De fato, aquela lei não é nem maior nem menor que o espaço e o tempo medido, pois se fosse maior serviria totalmente para julgarmos por elas as

coisas menores. E se fosse menor, tampouco nos serviria para julgarmos as coisas maiores (AGOSTINHO, 2002, p. 81).

A verdade não é a razão humana, e sim, a lei da razão. Pode-se considerar a verdade como superior às coisas que analisa, mas a lei da razão é superior à própria razão.

Afirma em sua obra *A verdadeira religião* que “não é o ato de reflexão que cria as verdades, ela somente as constata. Portanto, antes de serem constatadas, elas já estavam em si, e uma vez constatadas, essas verdades nos renovam” (AGOSTINHO, 2002, p. 100). O doutor da África latina se aproxima da teoria das ideias de Platão, diferindo dessas ideias na relação, pois considera que as ideias são expressas pelo intelecto e não pelos dados sensíveis, sendo esses não conhecidos por meio de recordações ou “reminiscência”¹⁴ de tipo platônico, mas por um ato consciente de interiorização no qual a razão toma consciência da presença de Deus.

Agostinho defende a ideia de que a alma não passa por uma existência anterior, na qual contempla as ideias: antes existiria uma luz eterna da razão:

[...] Deus é inteligível e também inteligíveis são proposições das ciências, porém, diferem em muito. Pois a terra é visível, como também é a luz: mas a terra não pode ser vista se não for iluminada pela luz. Por isso, as coisas que alguém entende que são ensinadas nas ciências sem dúvida alguma ele as admite como verdadeiras, mas deve-se crer que elas não podem ser entendidas se não forem esclarecidas por outra como por um sol. Como no sol podem-se notar três coisas: que existe, que brilha e que ilumina, assim também no secretíssimo em Deus, a quem tu desejas compreender, deve-se considerar três coisas: que existe, que é conhecido e que faz com que as demais coisas sejam entendidas (AGOSTINHO, 1998, p. 34).

Portanto, as verdades da sabedoria precisariam ser iluminadas pela luz divina para se tornarem inteligíveis. Todavia, a iluminação divina não deixa que falte ao homem um intelecto próprio. A iluminação tem a função de tornar o intelecto capaz de pensar corretamente, em virtude de uma ordem natural¹⁵ estabelecida por Deus.

A teoria da iluminação apresentada por Agostinho estabelece que todo o conhecimento verdadeiro é resultado de um processo de iluminação divina:

¹⁴ Teoria platônica, segundo a qual, o conhecimento humano se reduz a uma simples recordação atual das ideias que a alma intuiu ou contemplou diretamente numa existência anterior (LOGOS. **Enciclopédia luso-brasileira de filosofia**. v. 4. São Paulo: Verbo, 2000).

¹⁵ Essa ordem existe entre as coisas do mundo, sendo que Agostinho as conceitua como ideia, forma, espécie, razão ou regra.

[...] nem parece justo aos vossos olhos que o ser mutável é por Vós iluminado conheça a luz imutável como conhece a si próprio. Por isso, “a minha alma é, aos vossos olhos como terra ressequida sem água”¹⁶ porque assim como ela não se pode iluminar por si mesma, assim também por virtude própria, não se pode saciar. “Em Vós jorra a fonte da vida, e na vossa luz veremos a luz” (AGOSTINHO, 2001, p. 341).

A iluminação possibilita ao homem contemplar as ideias, modelos da eternidade. Embora a luz divina não seja vista, ilumina as ideias.

A princípio, para aderir à verdadeira religião, o homem deve encontrar antes toda a verdade que é o conhecimento do próprio Deus. Essa adesão se dá na liberdade, coisa que Agostinho experimentou em sua juventude de maneira desgovernada e desequilibrada. A verdadeira religião não é aquela que faz do homem um escravo do mundo, preso às paixões carnis, mas na liberdade do conhecimento de Deus, verdade eterna.

Após o encontro com a verdade, Agostinho dedica-se a uma vida espiritual; pretendia corresponder ao chamado de Deus, como ele afirma em suas *Confissões*: “Uma vez por ti resgatado, não pretendia vender-me novamente. Tal era o nosso plano, conhecido somente por ti, ninguém com exceção dos íntimos devia sabê-lo” (AGOSTINHO, 1997, p. 236). Sendo guiado pelos desígnios divinos, o filósofo prossegue sua jornada na certeza da felicidade, onde o mesmo andava com os olhos desvendados, no entanto, conduzidos pela fé.

O encontro com a verdade e a adesão à religião cristã para o convertido por decisão se torna causa de uma felicidade perene, causa de um encontro marcante. Por esse motivo a águia de Hipona tinha medo de perder-se novamente nos prazeres carnis; por isso ele se entrega totalmente e por inteiro a Deus na sua profunda intimidade.

Agostinho defende que a verdadeira religião é a religião cristã, pois nela ele encontrou o modo correto de ler a bíblia e encontrou o caminho para uma vida correta e feliz. “O caminho de toda a vida boa e feliz encontra-se na verdadeira religião. Por ela é adorado o único Deus, com piedade muito pura. E ele é reconhecido como princípio de todos os seres, origem, aperfeiçoamento e coesão de todo o universo” (AGOSTINHO, 2002, p. 25).

¹⁶ Salmo 142, 6.

Sabe-se que a partir do momento em que o Retórico de Cartago dá o seu *sim*¹⁷ ao Deus Verdade Eterna, que ele buscou por toda a sua vida, dá-se início a uma jornada na estrada da verdadeira religião. Na perspectiva agostiniana, somente através da religião verdadeira, Deus é puramente reconhecido com honra e majestade devida ao seu nome.

O encontro com a verdade requer passar por um processo de purificação; é preciso abertura para o conhecimento do verdadeiro; nada deve estar pré-estabelecido; é preciso que a alma esteja livre e o seu interior aberto, como Agostinho afirma em sua obra *A verdadeira religião* (2002, p. 28) “A verdade não se capta com os olhos do corpo, mas com a mente purificada. Toda alma, tendo a encontrado, pode se tornar feliz e perfeita”. Esta é uma garantia transmitida pelo Hiponense demonstrando que a mudança não vem das condições exteriores, mas sim de uma radical mudança interior de cada ser, sendo que o mal, que é destrutivo a esta estrutura interior, é simplesmente uma privação do bem.

Pode-se observar que a partir do momento em que Agostinho descobriu a estrada e o sentido da vida encontrado na nova religião. A verdade passa a ressignificar um sentido absoluto na vida do filósofo, referindo-se a religião cristã, “este momento favoreceu a ele mudar de vida, o modo de viver, abrindo ao mesmo tempo novos horizontes para o seu próprio pensar” (GILSON, 2003, p. 434). A partir de então o filho de Mônica, confirmado na fé, na certeza do caminho a percorrer e a maneira correta de pensar, desvendará novos caminhos para a compreensão da verdadeira felicidade junto à Deus.

O encontro de Agostinho com a verdade possibilitou que ele encontrasse a si mesmo. Percebe-se que a partir do momento em que o filósofo se encontra com a verdade há uma mudança radical em sua atitude, passa a se perceber um novo homem mais maduro, realizado e feliz. Percebe-se que quando ele passou pelo ceticismo, pelo maniqueísmo e o neoplatonismo, sua vida era um círculo vicioso, impossibilitado de perceber e de enxergar adiante; vivia em um abismo interior. Após o encontro com a verdade e a verdadeira religião, o convertido por decisão se encontra, se sente feliz, reconhece que é criatura criada, passível da vontade de Deus.

É interessante que a filosofia seja entendida por várias dimensões possíveis, em que cada pessoa se encontra em sua devida perspectiva. Agostinho é um filósofo que a

¹⁷ Trata-se da atitude de Agostinho após sua conversão, o “sim” é a resposta ao chamado de Deus que fala que fala no seu interior.

viveu em sua atitude. Ela está em sua autobiografia. Na verdadeira religião ele se encontrou feliz e realizado. Ainda hoje o seu pensamento é importante para a religião cristã, para a filosofia vivenciada e, sobretudo, o seu pensamento contribui para os questionamentos interiores da pessoa humana.

2.2 DEUS COMO PRÍNCIPIO DE TODAS AS COISAS: FÉ E RAZÃO

Fé e razão parecem percorrer caminhos distintos e distantes, mas na verdade são muito semelhantes, unidas e inseparáveis. A princípio, essas duas vias de conhecimento advém de um caminho que o ser humano por natureza necessita trilhar ao encontro da realidade, que por ele pode ser entendida e conhecida. Fé e razão não se unem com o objetivo de ser uma verdade em si mesma. A união entre ambas visa compreender o sujeito como conhecedor da verdade.

Desde a sua origem, o homem busca por diversas maneiras encontrar a verdade e obter um sentido último na vida. A filosofia é uma das principais vias pelas quais o homem encontra com mais clareza e transparência as respostas que tanto necessita para sua existência. Com as respostas até hoje conhecidas, o sujeito tenta superá-las gradualmente, na medida em que necessita conhecer sua própria realidade e a realidade do mundo que o rodeia.

Agostinho de Hipona é o patriarca da era patrística ao problematizar e teorizar sobre a interioridade humana¹⁸. Em suas *Confissões*, o filósofo confessa a sua inquietude vivenciada em busca da verdade durante boa parte da sua vida.

Ele confessa que o motivo de sua inquietação durante um longo período de sua vida foi o de não conhecer Deus anteriormente. Vivendo uma experiência fora da presença de Deus, ainda assim a verdade o incitava como afirma em suas *Confissões*: “tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (AGOSTINHO, 1997, p. 19).

O objetivo principal do homem, segundo o autor, consiste em conhecer a verdade; esse conhecimento advém da prática da fé e da razão. Se a fé for desvinculada da razão, o homem se perde, pelo fato de não conseguir corresponder a sua realidade. Por outro lado, se a razão se desvincula da fé, ela não conseguirá

¹⁸ (cf. VAZ, 1968, p. 127).

prosseguir muito longe, pois a realidade não lhe daria uma realização compreensível.

Um homem sem fé é como uma árvore que cresce a cada dia impossibilitada de frutificar. Porém, um homem que é capaz de crescer na fé, este sim, poderá alcançar o bem, a verdade, e poderá viver em harmonia consigo mesmo e com o próximo. Estas condições são alcançadas na renovação interior de cada indivíduo.

A fé e a razão são duas pontes que nos levam a compreender e sentir em nosso ser a presença de Deus. Por esta via Agostinho demonstra que o homem é capaz de alcançar Deus, sendo ele mesmo um agraciado por alcançar a compreensão do mesmo pela fé que é um saber para o verdadeiro conhecimento. Embora tenha buscado pela razão o conhecimento de todas as coisas, o filósofo pôde dar sentido ao *cosmos*. Somente pela união da fé e da razão o indivíduo compreende a verdade dentro de si mesmo, ressignificando sua natureza.

Alcançar a compreensão da verdade requer a abertura do indivíduo para conhecer a Deus, que somente é revelado pelo coração de quem está aberto à vontade Dele. Quando o homem propõe compreender que Deus é a fonte de todo o conhecimento em seu próprio interior, a fé se tornou a ponte viável para alcançá-lo e compreendê-lo em extrema intimidade.

O homem jamais poderá viver sem uma estrutura interior baseada na fé e na razão; sem estas, ou até mesmo com excesso de credibilidade numa destas, ocasionará ao homem más consequências para ele mesmo. O sujeito que busca viver somente por meio da fé, nega-se a sua própria compressão, enquanto ser racional. Por outro lado, o homem que busca viver somente pela razão cai no risco de não compreender a ação de Deus, no indivíduo, como ser que raciocina.

Agostinho apresenta a razão como essência humana. Sendo esta a condição de todos os homens, por serem naturalmente racionais, esta possibilita ao mesmo crer, porque é através do bom uso da razão que o homem poderá conhecer e crer, isso se caracteriza como processo de formação do *intellectus*¹⁹.

O caminho da verdade é longo, contínuo e constante. Geralmente, os crentes partem em direção ao que lhes transcende, mediante a luz da verdade

¹⁹ Chamado muitas vezes de inteligência, é um hábito adquirido de pensar por faculdades, nos condiciona a falar da inteligência como de um poder da alma realmente distinto do pensamento e da razão. Essas distinções reais são estranhas ao pensamento de Agostinho, para quem a inteligência é, sobretudo, o resultado adquirido pelo pensamento graças a sua atividade como razão.

eterna²⁰. O homem possui o domínio de toda a terra, mas não o conhecimento total a respeito da mesma; é por isso que cada vez mais o conhecimento se revela na medida em que o homem busca aprofundar a respeito de tudo que lhe é possível conhecer.

Para Agostinho, o homem possui em si a vontade de estar em união com a Suprema Bondade; por isso ele renuncia sempre a qualquer mal que lhe possa aparecer. O caminho para a Suprema Bondade é trilhado pela fé e revelado pela razão.

A fé e a razão são vias que contribuem na busca da verdade e na harmonia do conhecimento de Deus; o que seria uma união universal do homem em algo que é meta para todos: o fim último. Mediante o caminho da verdade, que consiste no conhecimento, ligando a veracidade conhecida e trabalhando ainda mais para conhecê-la melhor e mais profundamente, tendo em vista que ela jamais poderá ser alterada por possuir em si força intrínseca, o homem busca consolidar gradativamente esse conhecimento acerca da verdade imutável.

Em Agostinho, Deus é o *arx philosophiae* (ápice da filosofia). Movido somente pela razão, não é possível ao homem chegar ao conhecimento de Deus, pois ele está além da racionalidade humana. A fé possibilita ao homem acreditar em Deus insondável, incompreensível e inefável. A vida de Agostinho se tornou organizada a partir do momento em que a fé e a razão foram bem administradas em um saber verdadeiro.

O homem como conhecedor da verdade e filho de Deus tem a necessidade de ser feliz. Pela fé, ele acredita em algo que possa transcender o seu ser. De forma racional, ele compreende a existência de um ser superior e perfeito. Pela fé e a razão, o homem caminha em busca de uma vida feliz diante de seu fim último, que é o próprio Deus.

Fé e razão são garantias que conduzem os homens à semelhança do homem a Deus. A finalidade da inteligência, para Santo Agostinho, é realizar o chamado de Deus através das atitudes humanas, dirigindo-se cada vez mais para a similaridade com Deus (cf. GILSON, 2010, p. 64).

Para o bispo de Hipona, o homem possui essência divina, a luz natural (*lúmen naturale*) que o ajuda a entender a verdade eterna. Mediante a fé e a razão,

²⁰ Agostinho entende verdade eterna como imutável e necessária. Em suma, é a ação divina que ilumina o homem pelo intelecto a conhecer o que é verdadeiro.

há uma ordem de entendimento que chegam a sua perfeita harmonia, sendo essa ordem inseparável: a primeira consiste na razão que auxilia o homem a alcançar fé; a segunda é a fé que orienta e ilumina a razão do homem e a terceira é a razão que contribuirá para o esclarecimento dos conteúdos da fé.

A razão precisa de algo que a motive: “o que a razão pede é, portanto, um socorro do alto que faça nela, e por ela, o que ela mesma não é capaz de fazer. Assim a razão está naturalmente ali antes da inteligência e também antes da fé” (GILSON, 2010, p. 66). Com tal afirmação percebe-se que a razão naturalmente está na essência humana como sede de conhecimento. Nessa perspectiva, deve ser tratada como algo natural.

A fé, no pensamento agostiniano, é a capacidade do homem de transformar o seu coração em um coração semelhante ao de Cristo, crendo que esta fé não depende das condições da razão para crer, mas esta sabe por si mesma que existe algo além de suas capacidades. O doutor da África Latina acredita que a verdadeira fé é aquela que, ao acreditar em Deus, possa também amá-lo, transcender, gostar dele com ternura e penetrar nele através do amor²¹.

Agostinho entende que o homem é composto de corpo e alma. Porém, a alma (*anima*) é o princípio essencial do homem. A interioridade humana está ligada diretamente à alma que se expressa na *mens*, substância imaterial de cunho espiritual que é hierarquicamente superior ao corpo. Possuem a *anima* todos os seres vivos, porém o homem possui o privilégio de possuir o *animus*, isso quer dizer; “a faculdade cognitiva de possuir a razão e o poder de distinguir-se possuidor da alma e reconhecer a essência do seu Criador fazendo o bom uso da razão” (cf. AGOSTINHO, 1995, p. 447).

A fé e a razão podem ser entendidas como um círculo hermenêutico. De que forma? O homem possui sua essência natural em Deus, por meio da fé, e pela razão ele vai amadurecendo, crescendo, confirmando, desmentindo e modificando pelo pré-conhecimento que nesse caso é o próprio Deus (cf. REALE, 2007, p. 88).

No pensamento de Santo Agostinho, fé e razão devem ser tratadas de forma convergente. A fé estimula a razão a pensar de forma abstrata e com ascendência, encaminhando o homem à inteligência. O filósofo apresenta três formas de conhecimento: o conhecimento sensível, que se baseia no instinto daquilo que se

²¹ Uma expressão no qual Agostinho pode compreender os desígnios de Deus para a sua vida em busca da verdadeira felicidade (cf. SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 236).

pode entender; o conhecimento científico, que se atribui ao bom uso da razão e conhecimento intelectual, que é o auxílio do próprio Verbo na vida do homem.

Fé e razão é um perfeito diálogo entre Deus e a pessoa mediante à alma. Pela doutrina da iluminação, Agostinho mostra que o Verbo ilumina a alma e o verdadeiro conhecimento está no elevar-se a Deus. Na síntese desse diálogo, torna-se evidente que o homem deve procurar a Deus interiormente e encontrar, assim, a verdadeira essência da alma.

Ainda que na perspectiva da fé a verdade não possa ser visivelmente apresentada, isto é passível de prova visível, é possível conhecê-la pela verdadeira essência da alma que se encontra mediante a verdade e a pessoa. Assim, pelo método da razão; ambas se complementam se forem adequadamente usadas para o conhecimento do verdadeiro.

No pensamento agostiniano, fé e razão são duas realidades máximas que se entrecruzam. São inseparáveis essas duas vias de conhecimento. Assim, a verdade só é alcançada quando compreendida acima dos homens e das coisas: Deus. Nesse aspecto, a fé e a razão são as vias que levam o homem a conhecer a verdade.

2.3 O CONHECIMENTO DE DEUS COMO VERDADEIRO: A VERACIDADE DOS SENTIDOS E DAS CIÊNCIAS

A filosofia de Agostinho é fruto da sua inquietação, como ele descreve em sua obra *Confissões*: “quem me dera repousar em Vós! Quem me dera que me viesses ao meu coração e o inebriasse com a vossa presença, para eu me esquecer de meus males e me abraçar convosco meu único bem!” (AGOSTINHO, 2001, p. 26).

Partindo da indagação: ao homem é possível atingir a verdade?²², torna-se claro que a verdade transcende o homem e o entendimento de que, quando se aborda o tema da verdade, exprime-se tão somente a possibilidade de o ser humano adquirir conhecimento que ultrapasse o empírico, atingindo a universalidade, visto que a verdade transcende a inteligência humana, pois não é fruto de sua mente, mas é a única forma de esta, por meio da verdade, se fazer presente no mundo.

Agostinho problematiza: acaso a verdade está em nós? Ao que responde:

²² Verdade nesse sentido entendida como algo imutável.

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a verdade habita no coração do homem. E senão encontras se não a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em ti ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz e da razão (AGOSTINHO, 2002, p. 98).

Desse modo, a verdade apresentada por Agostinho supera a verdade dos céticos – de que duvidar de tudo significa duvidar da própria dúvida e superá-la – o que melhor pode ser entendido com a seguinte passagem contida em *Solilóquios*: [...] “sabes que existe? / - de onde sabes? / - não sei / -sabes que te moves? / -não sei / sabes que te pensas? / -sei; [...] -portanto é verdadeiro o que pensas? / -sim” (AGOSTINHO, 1998, p. 26). Com tal diálogo com a própria razão, Agostinho demonstra o intuito de derrubar o ceticismo – doutrina que proporciona a argumentação absoluta, ou seja, universal, de ficar apático à verdade.

Com isso, continua à procura de uma verdade. Porque a verdade é uma necessidade e transcende a inteligência humana; esta não pode criar a verdade, mas evidenciá-la. Com a ideia de que só é possível chegar à compreensão de Deus através do conhecimento da verdade, Agostinho defende o princípio de que a verdade não está nos sentidos, nem nos fatos por eles apreendidos, mas no intelecto humano, sendo que a verdade (Deus) está em um nível superior fora do espaço e do tempo. Por isso não aparece, pois não está em um determinado lugar, ou melhor, nas coisas percíveis, mas tão somente nas coisas imortais²³:

[...] ela nada precisa procurar para si mesma, ao passo que tu vieste a ela, procurando-a, não percorrer espaços, mas pelo desejo de teu espírito. Foi ele que te fez encontrá-la, não com a fruição carnal e baixa, mas com o sumo deleite espiritual [...] (AGOSTINHO, 2002, p. 99).

A verdade nada mais é do que a realidade definitiva que está no Ser-supremo, e que o homem atinge através da relação com o divino. Visto que a alma²⁴ detém os sentidos, somente ela pode entender e distinguir algo como falso ou verdadeiro, nada deixando escapar à sua ação. Ela, porém, não deixa nada passar despercebido, agregando as transformações corporais e alterando-se abstratamente dentro de si mesma.

²³ Se a verdade estivesse em coisas mortais, logicamente pereceria deixando assim de existir.

²⁴ Agostinho apresenta a alma como sendo “substância” dotada de razão, apta a reger um corpo, pois está contida em si mesma, dotada de razão (AGOSTINHO, 1997, p. 67).

Agostinho, passando pelo neoplatonismo, conheceu do pensamento plotiniano que há uma densidade ontológica, que categoriza a alma como superior e o corpo como inferior, isto é, a alma toma posse do corpo como matéria, o filósofo grego tenta explicar essa relação entre alma e corpo como sensação, composta de ações da alma que é correspondida pelas paixões do corpo.

Não havendo apenas a verdade, mas também a falsidade, Agostinho, em sua célebre obra *Solilóquios*, diz o seguinte: “entretanto, não há sentidos sem alma; não há falsidade sem os sentidos [...]” (AGOSTINHO, 1998, p. 61). Assim apresenta a ideia de que a alma está ligada aos sentidos; através desta harmonia cabe à faculdade de julgar e verificar a veracidade ou a falsidade das coisas.

Para entender a maneira correta de julgar a veracidade dos sentidos conduzida pela razão, Agostinho passa a tratar a semelhança como fonte da verdade e a dessemelhança como fonte da falsidade. A verdade só poderá ser alcançada por aquele que não agir falsamente, ou seja, não fazendo imitações, tentando fazer imagens falsas.

Na visão agostiniana, o homem deve contemplar a verdade da forma mais perfeita que lhe for possível, partindo de uma razão interna que procura a universalidade das coisas. A partir daí surge a seguinte problemática: O que é a verdade? É possível alcançar a verdade? Para Agostinho, a verdade é o conhecimento do próprio Deus como ser de natureza imutável, e esse conhecimento só é possível mediante a interioridade.

Deus está acima da racionalidade humana. A verdade imutável, que provém de Deus, é única; por esse motivo a essência da vida humana deve dirigir-se à verdade, pois nela está depositado o conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, é necessário superar o mundo entendido como matéria; mundo visto pelos olhos carnis e conhecer por meio de um sentido espiritual, ou seja, um olhar do coração, um ser que está acima de todas as coisas, o próprio Deus.

A faculdade sensitiva é entendida por Agostinho como uma “luz” de natureza espiritual proveniente da alma que se sente inteligivelmente, visto que a alma toma o corpo como objeto de conhecimento, o qual lhe serve como instrumento de abstração de sensações do sensível para o suprassensível, ao passo que a alma trabalha ativamente, enquanto o corpo age passivamente. A sensação, que “é o não

ser oculto ao que sofre o corpo”²⁵ também pode ser considerada como uma via de entrosamento da alma por parte do corpo, de forma que, quando o corpo é vulnerável às ações do tempo e do espaço sofrendo algumas transformações, a alma percebe isso produzindo a sensação.

O homem não vive sem a percepção da sensação. A ausência de sensação significa uma relação inerte entre o homem e o meio. Logo, se houver, por mais leve que seja, uma alteração do corpo, devido à transformação do meio, esta será percebida pela alma, a qual entrará em atividade produzindo, assim nova sensação. O corpo entende a presença dos outros corpos, e a alma, por meio dessas impressões, recebe o conhecimento corpóreo.

O bispo de Hipona trabalha com a ideia de que a alma vive para sempre; assim ele faz a seguinte afirmação: “[...] a natureza das coisas não pode existir sem a alma” (AGOSTINHO, 1998, p. 63), pois, é através da alma que agem os sentidos, os quais determinam a falsidade ou a veracidade das coisas.

Mas os animais também possuem a capacidade de sentir. Logo, qual será a diferença da alma animal comparada à alma humana? A diferença, segundo Agostinho, está na capacidade que a alma humana possui para julgar as coisas. Mas é sabido por todos que os animais possuem sentidos, às vezes, muito mais sensíveis que os dos homens. Visto que os animais não possuem o domínio racional, ou melhor, a inteligência, a alma humana é superior à animal, pois, “o ser racional não julga somente a respeito de objetos sensíveis, mas também sobre os seus próprios sentidos” (AGOSTINHO, 2001, p. 78). O animal, possuindo a alma e não o espírito – que é a faculdade do julgar – procura, assim, o que lhe agrada. Portanto, pode-se chegar ao entendimento de que, assim como os sentidos possuem superioridade ao corpo, a razão está acima dos dois.

As percepções, as imagens, as recordações, bem como os fatores que estão dentro do tempo e do espaço, proporcionam ao homem o conhecimento da vida terrena, como uma condição pré-estabelecida e sem profundidade. Para Agostinho é necessária a luz imutável para a faculdade de operar bem as relações do sensível, para não cometer enganos.

Sendo o corpo apenas o habitat da alma, ele informa à alma aquilo com que de fato está em contato, sem fazer qualquer juízo a esse respeito; cabe ao corpo

²⁵ (Cf. AGOSTINHO, 1997, p. 101).

não cometer e nem comunicar enganos à alma. O julgamento competirá à alma. Assim, não pode possuir a capacidade, por si mesmo, dos sentidos das coisas, mas é pela alma que se consegue tal entendimento, o qual revelará a veracidade das percepções.

A ciência é o conhecimento oriundo das relações do sensível. Cabe ao homem à faculdade de conhecer de modo racional, valer-se da ciência como meio de conduzir para uma vida reta. Na obra *A trindade* (1995, p. 387) o autor apresenta a importância da ciência: “Com efeito, sem a ciência, não se pode sequer adquirir as virtudes pelas quais levamos uma vida reta e governamos de tal modo esta mísera existência que conseguiremos alcançar a verdadeira vida feliz e a eterna”. Assim, é de fundamental importância o homem fazer bom uso da ciência, pois ela possibilita ao homem o conhecimento peculiar da verdade.

O caminho a ser percorrido para se chegar à ciência é o da transcendência, que parte do conhecimento da verdade, que é um sentido interior que guia e domina as coisas pelo juízo, expresso na realidade humana, que é a dos sentidos exteriores em que são entendidas as coisas por meio da matéria. Faz-se necessário entender que a finalidade da ciência não é a mesma que a da sabedoria – que tem por fim o encontro da felicidade –, mas a ciência tem como finalidade contemplar a Deus:

O que se entende por sabedoria, pode também, a rigor, ser chamado ciência, como acontece naquela passagem em que o apóstolo diz: “agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13,12). Por esse conhecimento deve-se entender ciência da contemplação de Deus (...). Mas onde está dito: “a um o Espírito dá a mensagem da sabedoria; a outro, a palavra da ciência, segundo o mesmo Espírito” (1cor 13,18), não há dúvida que o apóstolo faz distinção entre as duas realidades, embora não explique em que se diferenciem e como podemos distingui-las (AGOSTINHO, 1995, p. 387).

Na medida em que o homem contempla a Deus aproxima-se da sabedoria, enquanto que o que lhe permite entender dos bens temporais é a ciência.

Para tentar explicar a veracidade das ciências²⁶, pode-se partir da análise que Aurélio Agostinho faz a respeito da “dialética”, em *Soliloquios* (1998, p. 80): “Não nego que a força e perícia de definir, com que me empenhei agora em distinguir essas coisas, se atribui à dialética”, instruída pelas regras gramaticais.

Parte do pensamento de que “ninguém pode dizer que não sabe aquilo que aprendeu e conserva na memória; por outro lado, ninguém sabe coisa falsa.

²⁶ Trata-se o conhecimento das coisas por ela mesma.

Portanto, toda ciência é verdadeira” (AGOSTINHO, 1995, p. 81). Ele não hierarquiza as ciências, mas expressa a necessidade de se ter domínio linguístico para uma melhor compreensão das disciplinas, como a matemática, a astronomia e a história universal, posto que só seja possível chegar a uma ideia de que a ciência é verdadeira, se ensinar coisas verdadeiras:

Não me ocorre nenhuma forma de qualquer ciência em que não haja definições, distinções e argumentos. Desempenhando todo esse conjunto pelo qual ela se chama ciência, define-se o que seja tal coisa, atribui-se a cada coisa o que lhe é peculiar sem confusão das partes, nada se omite que lhe seja próprio e nada de estranho se lhe acrescenta (AGOSTINHO, 1995, p. 82).

Com tal afirmação, Agostinho chega à conclusão de que, para a ciência ser verdadeira tem de passar pelo campo da dialética, partindo da ideia em que deve haver uma harmonia entre a iluminação divina junto à compreensão humana das ciências. O conceito de ciência passa a ser verdadeiro e para não perder a sua essência de ciência, como “alimento da alma” (AGOSTINHO, 1998, p. 125) que é fonte de conhecimento de todas as coisas deve ser baseado na verdade. O que é mais bem entendido com a seguinte passagem:

Se tudo que é próprio do sujeito permanece para sempre, é necessário que também o próprio sujeito permaneça. Toda ciência está na alma como sujeito. E se a ciência permanece sempre, necessariamente permanece a alma para sempre. Ora, a ciência é verdade, e a verdade, (...) permanece para sempre. Por isso, a alma permanece para sempre e não se diz que alma tenha morrido [...] (AGOSTINHO, 1998, p. 87).

A partir de tal suposição pode-se compreender que a águia de Hipona trata a ciência como sendo uma função da alma, e se a alma considera a ciência como verdadeira, ambas naturalmente têm a sua origem na verdade. Assim, a função da ciência é fornecer um melhor raciocínio de todas as coisas, ou seja, inteligibilidade, que fornecerá suporte ao ser humano para julgar e possuir um maior domínio com relação à alma e ao corpo.

3 UMA PERSPECTIVA DE VIDA FELIZ APÓS O ENCONTRO COM A VERDADE

Após um longo período em busca da verdade, Agostinho a encontra pelo viés da interioridade. Nessa perspectiva, o bispo de Hipona aderiu a um novo modo de viver, a uma postura correta, a uma vida ética, moral, espiritual e, sobretudo, feliz. Sem dúvida, o filho de Mônica coloca como meta restabelecer suas atitudes diante do verdadeiro conhecimento, mostrando que a verdade é Deus e não há outra, e, ainda, aponta o conceito de felicidade que se baseia no próprio Deus e na beatitude alcançada pelo conhecimento humano de Deus. Apresentar a perspectiva de vida feliz no pensamento agostiniano nesse contexto é mostrar que a verdade deve ser buscada por todos os homens.

3.1 DEUS E SUA VERDADE: A FELICIDADE É A PRÓPRIA VERDADE

Agostinho apresenta a ideia de alma como sendo mutável – relacionando-a ao entendimento das coisas – pois aumenta o seu grau de instrução de acordo com a obtenção de experiências, como relata em *A verdadeira religião* (2002, p. 79): “[...] A alma [...] é evidentemente mutável [...] julga tanto melhor quanto mais for instruída. E quanto mais lhe for familiar a arte, a ciência ou a doutrina em questão”. Entende-se que o corpo é mortal e a alma é o princípio de vida para o homem; assim, ele supera os seres inanimados, os vegetais e os animais. Acima dos seres humanos existe a razão (*logos*) que não pode ser usada subjetivamente, pois é pela intuição²⁷ que o homem se aproxima cada vez mais da razão e da verdade.

O entendimento de tal forma de pensar é dado de maneira inata ao homem, como descreve em *A verdadeira religião*, 2002, p. 79: “[...], uma espécie de instinto natural nos dirige nessa aquiescência”; logo, cada vez que o homem for capaz de melhor julgar as coisas, deixará transparecer sua capacidade intelectual, apresentando a sua superioridade com relação aos animais, pois estes não possuem racionalidade capaz de fazer tais julgamentos.

O homem só atingirá o conhecimento das verdades eternas com o auxílio de uma luz que o conduza à transcendência, ajudando-o a superar as limitações da sua

²⁷ Agostinho possuía a mesma definição de intuição que Plotino. A intuição é o conhecimento imediato e total que o intelecto Divino tem de si e de seus próprios objetos (ABBAGNANO, 1999, p. 581).

inteligência e a entender essa verdade. Isto é, somente através das ideias inatas Deus lhe transmite essa verdade, que não pode ser adquirida por experiências. Para melhor compreender como se dá o conhecimento das verdades eternas, faz-se necessário entender a doutrina da iluminação que foi criada pelo filho de Mônica movido, talvez, pela teoria da Reminiscência de Platão, argumentando que Deus infunde na mente humana verdades absolutas e imutáveis.

O que distingue a teoria da Reminiscência da teoria Agostiniana²⁸? Platão ensina que a alma, neste mundo, deve emanar de si mesma a verdade que já possui desde sempre. Sendo este emanar, a recordação de algo já experimentado, ou seja, vivido num mundo de puras ideias. Portanto, a alma é preexistente com relação ao corpo. Em *A trindade*, Agostinho refuta tal doutrina²⁹:

Eis porque Platão, aquele ilustre filósofo, esforçou-se em fazer-nos acreditar que as almas humanas já viviam neste mundo, inclusive antes do nascimento dos corpos. Daí os homens não adquirirem novos conhecimentos, mas apenas, lembrarem-se de coisas conhecidas antes [...] é preferível acreditar que a natureza da alma intelectual foi criada de tal modo que, aplicada ao inteligível segundo a sua natureza, e tendo assim disposto o criador, possa ver esses conhecimentos em certa luz incorpórea e sua própria natureza (AGOSTINHO, 1995, p. 390).

Com tal refutação, Agostinho apresenta a falibilidade da doutrina platônica e elabora a teoria da iluminação, que cristianiza o mundo das ideias de Platão. O filósofo parte do pensamento de Deus - que cria todas as coisas a partir do nada - tendo em vista, que todas as criaturas possui em suas individualidades a essência da ideia de perfeição que é Deus. Ele, por sua vez, atua iluminando a mente humana pela experiência, assim o homem capta as ideias que se encontram nas verdades eternas e inteligíveis, presentes na divindade do Supremo Bem.

Na visão agostiniana, o homem deve contemplar a verdade da forma mais perfeita que lhe for possível, partindo de uma razão interna que procura a universalidade das coisas. A existência de Deus, para o bispo de Hipona, está totalmente ligada às verdades eternas, como apresenta em *O livre-arbítrio* (1995, p.116): “De modo algum poderia negar a existência de uma verdade imutável que contém em si todas as coisas mutáveis e verdadeiras [...], é ela semelhante a uma luz admiravelmente pública e secreta ao mesmo tempo”, pois é no homem – em sua mente/pensamento – que se origina o pensamento do imutável, do absoluto, isto é,

²⁸ Trata-se da teoria da iluminação.

²⁹ Trata-se da teoria platônica da Reminiscência.

Deus. Portanto, não é a mente humana que cria as verdades eternas, mas ela possui uma ideia de que existe uma verdade que transcende a limitada mente humana.

A presença de Deus – ser de natureza imutável – está acima da racionalidade humana. Uma vez que, da verdade surgiu à essência da vida, vale afirmar que a natureza divina se difere da natureza humana. Deus em si é a própria verdade imutável como descreve em *A verdadeira religião* (2002, p. 46): “E quem é esse senão o Deus único, a Verdade única, a única salvação de todas as coisas, a primeira e soberana essência, a fonte de onde procede o que é [...] porque tudo o que é, como tal, é bom”. Todavia, Deus fornece à alma a capacidade de julgar as coisas da natureza inferior à humana, não sendo capaz de realizar qualquer tipo de julgamento com relação a algo superior à sua natureza.

Deus fornece ao homem a capacidade de julgar, baseado em uma lei pura e “essa mesma lei não pode ser julgada por ninguém” (AGOSTINHO, 2002, p. 84), sendo que “é privilégio das almas puras conhecer a lei eterna, mas não o direito de julgá-la” (AGOSTINHO, 2002, p. 84):

[...] Se a verdade fosse igual a nossas mentes, ela se tornaria mutável como elas são, já que nosso entendimento, às vezes, vê de modo mais claro; outras vezes, menos. E por aí revela ser mutável. Ao passo que a verdade, permanecendo a mesma em si mesma, não ganha nada quando a vemos mais claramente, nem nada perde quando a vemos pior (AGOSTINHO, 1995, p. 118).

Agostinho apresenta a veracidade indubitável da verdade perante o entendimento humano. Por Deus ser superior ao homem, a verdade, sendo única e imutável, ilumina a sua alma e a sua mente. O entendimento humano é limitado e passível de cometer erros e enganos. Por esse motivo, a mente humana não possui uma semelhança de natureza igual a do Criador; o pensamento humano possui uma natureza inferior.

A partir do momento em que o homem se torna conhecedor da verdade, seu entendimento a verá, ora de maneira mais clara, ora de maneira mais obscura; isso ocorre pelo fato das mentes humanas serem mutáveis. A verdade, por ser imutável, está propriamente pronta em si mesma, e não sujeita a mudança. Cabe ao homem o esforço de ser conhecedor da natureza imutável de Deus e evitar cometer enganos.

Para o Doutor da África Latina, a verdade é a detentora dos bens que são propícios ao bem-estar humano, aproximando o homem cada vez mais do sumo bem: Deus.

O filósofo manifesta claramente que as pessoas podem ou não compreender o sentido da verdade tanto quanto o da falsidade. Os conceitos de verdade e falsidade podem ser melhor compreendidos na descrição que Agostinho faz em *A verdadeira religião* (2002, p. 91): “Se está claramente manifesto que a falsidade faz crer na existência daquilo que não é, compreende-se que a Verdade seja a que manifesta aquilo que é”. Portanto, a verdade só poderá ser atingida à medida que a alma alcançar o entendimento verdadeiro das coisas, através do Uno, “ao qual se acha levado a imitar” (AGOSTINHO, 2002, p. 91).

Acerca da ideia do Uno, Agostinho desenvolve-a baseado no pensamento plotiniano, que apresenta esse conceito como sendo superior ao ser, bem como a inteligência, visto que é o princípio formador das coisas, sendo causa de si mesmo, com a possibilidade de transcender a si mesmo. Sendo o Uno o princípio das coisas, é fácil entender que, à medida que as coisas se aproximam dele, estão mais próximas de uma compreensão verdadeira e, se houver afastamento de tais coisas, ocorre certa rejeição, fazendo com que as coisas sejam falsas. Pode-se afirmar que existe algo ou alguém que se assemelhe ao Uno? Visto que o Uno é o que é, pode-se denominá-lo de “a Verdade” – a verdade que estava presente em Deus desde a criação, que sempre existiu.

Aurélio Agostinho faz um paralelo para melhor estabelecer uma compreensão do Uno e do que se opõe a ele - ou melhor - a falsidade, podendo-se observá-lo na seguinte passagem:

Se, com efeito, a falsidade vem das coisas que imitam o uno – não enquanto imitam, mas enquanto não conseguem realizar esse ideal – a Verdade (Verbo) é o que consegue essa realização. É tal como o Uno. Eis porque é chamado, com retidão, o seu Verbo e a sua luz (Rm 1, 25). Todos os outros seres podem ser ditos semelhantes ao Uno, à medida que existem, pois nessa mesma medida são verdadeiras (AGOSTINHO, 2002, p. 92).

Todavia, por mais que as coisas se assemelhem ao Uno, somente ele “é na verdade a perfeita semelhança, e, portanto a Verdade” (AGOSTINHO, 2002, p.92), devido ao fato de que algo só pode ser aquilo que é, ou que tenha potencial para se desenvolver como sendo tal coisa, como melhor apresenta Agostinho: “Como é pela semelhança que é semelhante tudo o que seja semelhante” (AGOSTINHO, 2002, p.

92). Com tais explicações, pode-se ter uma compreensão da verdade como sendo a formadora das coisas verdadeiras, que estão na verdade, visto que estão próximas do Uno, que nada mais é do que a presença do Verbo, que pode ser assim compreendida:

O Verbo é o filho unigênito de Deus Pai, em tudo semelhante e igual ao Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, sabedoria da sabedoria, essência da essência, é o que é o Pai, mas não é o Pai, porque ele é Filho e aquele é Pai. Por isso, ele conhece tudo que o Pai conhece, e o seu conhecimento procede do Pai, tal como o seu ser (AGOSTINHO, 1995, p. 515).

Esse Verbo é a plena verdade. Contudo, pode-se considerar o Verbo como sendo o Uno, ou seja, o princípio, fonte originadora das coisas, a plena verdade. Por conseguinte, para alcançar a verdade, é necessário ter a preocupação de estar com os olhos voltados ao criador, e não para as suas obras, pelo fato de estas serem apenas captadas pelos sentidos. Afinal, são temporais e vulneráveis à corruptibilidade sensível, visto que, para se atingir o absoluto, tem-se que transcender os sentidos, a inteligência, buscando uma aproximação de Deus.

3.2 A BEATITUDE ENTENDIDA COMO FELICIDADE

A Beatitude em Agostinho é sinônimo de felicidade. A via para o homem chegar à felicidade está no encontro com a verdade, que é o próprio Deus. No pensamento agostiniano há apenas uma verdade última: Jesus Cristo³⁰. Assim, como a verdade está no encontro interior com Deus, a felicidade, necessariamente, está nesta perspectiva. Uma vez conhecendo a verdade, encontra-se também a felicidade, que é a finalidade da pessoa humana.

A verdadeira felicidade ou felicidade plena só é possível possuir, na sua totalidade, no repouso em Deus. Na terra cabe ao homem caminhar pelo modo virtuoso, movido pela fé, na esperança e praticando a caridade. No pensamento agostiniano, é necessário o homem espiritualizar-se para conhecer a verdade, uma vez que sem a espiritualização, isso se torna impossível.

A possibilidade de felicidade na vida deve ser conduzida pelo bom uso das virtudes. As virtudes propostas por Agostinho são: a fé, a esperança e a caridade,

³⁰ Segunda pessoa da Trindade Santa (Pai, Filho e Espírito Santo) que é o próprio Deus (verdade imutável).

como ele relata em sua obra *A vida feliz*: “tenhamos confiança de que poderemos ser levados a ela, prontamente, graças à fé sólida, à alegre esperança e à ardente caridade” (AGOSTINHO, 1998, p. 157). Só é possível ao homem contemplar a beatitude da vida feliz em Deus praticando essas virtudes.

Pelo viés da interioridade, o Doutor da África Latina buscou conhecer a si mesmo; nesse processo, conheceu também a Deus. A felicidade completa se encontra em Deus. Dizer que Deus está dentro de cada pessoa humana significa dizer também que a felicidade está no íntimo de cada ser humano. Porém, cabe ao homem viver a verdade em beatitude para alcançar a felicidade.

O ser humano é dotado de desejos e vontades em sua subjetividade, mas uma necessidade comum que todos os homens possuem é a de ser feliz. Em sua obra *A trindade*, Agostinho afirma: “é próprio de todos os homens quererem ser felizes””. (AGOSTINHO, 1995, p. 433). A filosofia tenta estudar o *cosmo* em sua totalidade. Uma das mais procuradas indagações é a possibilidade de ser feliz, e o que é felicidade.

Agostinho apresenta a sabedoria como intrinsecamente ligada à felicidade e ao amor³¹. Percebe-se, assim, que o ser humano, com a posse da verdade, age com caridade para ser feliz.

Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: — Por quem somos guiados até a Verdade (o Pai): e qual verdade gozamos (o Filho): e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo)” (AGOSTINHO, 1998, p. 156-157).

Em primeiro lugar, o doutor norte-africano aponta a definição de felicidade como verdadeira se estiver unida à verdade. Através da Trindade, o homem tende a percorrer uma vida feliz, a qual é a antecipação de uma beatitude diante de Deus. O criador (Deus) é superior a todas as coisas criadas, e é por isso que o homem busca constantemente o seu superior.

O que é este melhor? O que há de melhor para o homem não pode ser inferior ao homem, pois querer o que é inferior é diminuir-se. Ao contrário, poder-se-ia dizer que o que há de melhor para o homem é o próprio homem,

³¹ Amor para Agostinho é um desejo único que pode assumir duas formas incompatíveis; a primeira na forma correta, com relação ao amor de Deus que é amar a si mesmo e amar a sua criação, ou seja, tudo aquilo que Deus criou com respeito assumindo um elo com o criador. A segunda está relacionada ao proveito próprio que é amar as coisas pelos interesses pessoais que pode fornecer para os benefícios próprios, ou seja, a instrumentação do próprio Deus. (ABBAGNANO, 1999, p. 38).

se não houvesse nada de superior a ele que ele pudesse gozar com a certeza de não mais poder perdê-lo (GILSON, 2010, p. 23-24).

No pensamento agostiniano o homem deseja um repouso que lhe traga paz, que preencha o seu vazio, algo que supere as suas limitações. Assim, chegaremos a entender a concepção de felicidade como beatitude. A felicidade está no ser superior: o encontro do próprio eu como ser inferior (criatura) com o ser superior (Criador). Nesse sentido, torna visível a necessidade humana de transcender a Deus que é verdade imutável e perfeita em que repousa o espírito do homem.

Em seu diálogo sobre a felicidade, Agostinho rompe com a maneira filosófica tradicional de pensar. Para os grandes filósofos como Aristóteles, a felicidade decorre do equilíbrio e da harmonia da prática do bem; para Epicuro, a felicidade encontra-se na realização dos desejos; para Pirro de Élis, a felicidade acontece por meio da tranquilidade, entre outros. Nesse sentido, os grandes pensadores pensam que a felicidade é um problema filosófico. O bispo de Hipona parte do pensamento de que a filosofia não traz felicidade, ela é amiga do saber. A felicidade é a posse de Deus e só este produz e garante a verdadeira felicidade (cf. AGOSTINHO, 1998, p. 114).

A felicidade (beatitude) se encontra perdendo-se? Com isso, surge um problema paradoxal, em que o indivíduo deve se perder para encontra-se. A partir do momento em que o homem se perde na posse da verdade, que não se limita ao tempo e ao espaço. Ao perder as particularidades, encontra-se com a verdade em Deus e consigo mesmo, completando-se.

O homem pode conhecer a Deus de uma forma trinitária. Deus, sendo Pai, cria todas as coisas a partir do nada, sejam as coisas corpóreas ou incorpóreas. Sendo Filho, Deus ilumina o homem e tudo que foi criado. Sendo Espírito Santo, ele ordena as coisas criadas. O conhecimento de um Deus trino anima o homem a viver uma vida reta e feliz, sabendo que a verdade é começo e o fim de todas as coisas.

A beatitude entendida como felicidade consiste em saber que o homem, para ser feliz, deve adquirir como posse algo que não contemplamos em sua totalidade, mas em uma parcela (cf. AGOSTINHO, 1998, p. 129). As coisas do mundo são perecíveis, passageiras e corruptíveis. As coisas do alto são eternas. O desejo da felicidade é um desejo eterno.

Em sua obra *A vida feliz* (AGOSTINHO, 1998, p. 144-145), o filósofo chega à conclusão de que o homem sem Deus é miserável e indulgente. Na vida terrena, o

homem prova a luz da verdade e passa por reflexos de experiências indiretas com Deus. Porém, não o contempla em sua essência, o qual é insondável e só se encontra em essência pelo Espírito na eternidade.

A felicidade perfeita, juntamente com a beatitude em Deus, só é possível em perfeito estado de espírito. Aqui na terra se contempla reflexos desses conceitos após o encontro com a verdade. Assim, pode-se observar que a perfeita felicidade e a pura beatitude estão fora da condição humana (cf. AGOSTINHO, 1998, p. 156-157).

Tendo entendido que a felicidade é uma caminhada junto a Deus nessa terra, a imortalidade da alma é indispensável para o homem ser eternamente feliz.

Se realmente é feliz, tudo o que ele quer pode realizar-se, porque não quer aquilo que não pode realizar-se. Mas essa vida não é própria desta condição mortal, nem o será senão quando houver a imortalidade. Se esta de nenhum modo pudesse ser dada ao homem, em vão se procuraria a felicidade, pois ela não pode existir sem a imortalidade (AGOSTINHO, 2007, p. 150).

A imortalidade é a condição para chegar à verdadeira felicidade. É impossível no mundo da matéria contemplar a felicidade eterna, pois ela se encontra no imaterial, que é a verdade presente na posse de Deus. As virtudes são meios para chegar à beatitude em Deus pelo uso da fé e da razão, na esperança da vida eterna e na caridade que é o amor em Deus. Sem as virtudes não é possível ao homem conhecer a verdadeira felicidade na imortalidade da alma.

Quando Agostinho encontra a verdade, é perceptível em seus escritos que há uma alegria interior muito grande.

Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem por puro amor: essa alegria és tu mesmo. É esta a felicidade: alegra-nos em ti, de ti e para ti. Esta a felicidade, e não outra. Quem acredita que exista outra felicidade, persegue uma alegria que não é a verdadeira. Contudo, a sua vontade não se afasta de certa imagem de alegria (AGOSTINHO, 1997, p. 295).

A alegria apresentada pelo hiponense é uma alegria gratuita, sem nada esperar em troca, pois a vida feliz é simplesmente uma doação. A felicidade em Deus transmite segurança, por isso Agostinho se entrega totalmente a servir à igreja como bispo e doutor. Felicidade em servir a Deus com alegria, alegria essa que o mundo não pode oferecer.

Contudo, Agostinho aponta que o mundo não oferece a felicidade que o homem busca em Deus, eterno bem. A verdadeira felicidade consiste na medida em

que o homem pratica as virtudes (fé, esperança e caridade), se aproximando do seu Criador, sendo assim, uma criatura feliz, realizado e participante da verdade.

3.3 A VIDA FELIZ QUE SE DÁ SOMENTE JUNTO A DEUS

Na antiguidade clássica, o homem já discutia a relação entre o ser e o pensar. Esse problema também se refletiu na vida do bispo de Hipona. A *priori* o filósofo não encontrou a felicidade nos prazeres carnis; isto só foi possível depois do encontro com a verdade. Como foi mostrado, Agostinho entendeu que a verdadeira felicidade vem de Deus.

Agostinho, antes da sua conversão, se aventurou em vários campos do saber, onde ele achava que o discurso às vezes é falso e enganoso. Recuperando-se de uma vida mundana, no encontro com Deus, o filho de Mônica agrega valores de uma vida feliz junto Dele. Na medida em que o homem passa a pensar e agir corretamente, ele se afasta da vida de erros e passa a viver uma vida beata e feliz, guiada pela verdade.

Segundo Aurélio Agostinho, o ser humano só é feliz quando possui a verdade. As ações e coisas do mundo terreno são passageiras, enganosas e más, conduzindo à miséria. Por um processo de Interiorização, o filho de Mônica buscava ser feliz. Contudo, a vontade do ser humano deve ser orientada com o conhecimento de Deus. É um itinerário em que o homem eleva a plenificação do seu ser.

Todos os homens querem a felicidade. Mas em que consiste a própria felicidade? Aqueles que não têm o desejo não são felizes, mas não se pode dizer felizes todos aqueles que têm o que desejam [...] ninguém é, portanto, feliz se não tem o que quer, mas não basta ter o que quer para ser feliz (GILSON, 2010, p. 18-19).

Todos os homens têm o desejo de ser felizes. Muitas vezes o homem se engana na busca da felicidade, por confundir os prazeres carnis e os pensamentos enganosos como meio de verdade. A felicidade em Deus é única e verdadeira. Ao ser humano, cabe fazer bom uso das escolhas conduzidas pela liberdade, tudo em vista de uma vida feliz junto a Deus.

Para o filho de Mônica, o homem que não possui Deus é miserável. Isso não significa que ele viverá sempre infeliz. A felicidade passa por escolhas. O homem que não encontrou Deus por meio da interioridade não pode ter nada que lhe possa

impedir de, algum momento da vida encontrar a verdade. Viver feliz e com bondade é, sobretudo, fazer a vontade de Deus. A verdade que é Deus fala individualmente a cada pessoa humana, porém cabe a cada um ter o discernimento de encontrar essa verdade. Como diz, em *Vida Feliz* “Vemos que quem vive bem faz a vontade de Deus; e quem faz o que Deus quer, vive bem. Não constituam coisas diferentes: viver bem e fazer o que agrada a Deus” (AGOSTINHO, 1998, p. 138).

Após a conversão de Agostinho (o encontro com a verdade: Deus), ele passa a pensar adequadamente sobre a sua relação com as coisas, a vida e a natureza. Com a sua mudança de vida, suas atitudes mudam para melhor no aspecto humano, moral, ético e espiritual.

Uma vida feliz junto a Deus deve ser vivenciada na alegria contemplativa da plena verdade. Agostinho, ao perceber que as coisas que o rodeiam são perfeitas e passíveis de entendimento, vê que existe uma Suma Perfeição que dá origem a todas as coisas. Essa constatação de um ser perfeito comprova a existência de Deus, como ser perfeito.

A filosofia agostiniana diferencia-se das demais filosofias. A maioria das filosofias é trabalhada de maneira teórica e contextual, a ponto da maioria dos filósofos se esquecer da força que movimenta o homem e da ação divina no ser humano. O retórico, mais do que escrever obras, vivenciou a filosofia na prática. Nessa perspectiva, eis o grande valor da filosofia agostiniana, que possui valores importantes para a história.

Os valores mais importantes da filosofia agostiniana estão no esforço de compreender a condição do homem enquanto criatura que partilha da eternidade. Além do mais, Agostinho também propôs fazer grandes reflexões como; sobre o tempo e a eternidade, o bem e o mal, a encarnação do Verbo Filho de Deus, o livre-arbítrio, a vontade, a harmonia entre fé e a razão, entre outros assuntos pertinentes para a história filosófica.

A filosofia do Doutor da África se baseia no encontro com Deus. Ao percorrer o caminho da interioridade, adquirindo o conhecimento verdadeiro e encontrando a verdade, ele passa a viver uma vida ética, moral, adequada, apropriada, espiritual e feliz junto a Deus. O que lhe faltava para ser virtuoso era acreditar em uma verdade imutável.

O homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho do seu pecado e com o testemunho de que resistes aos soberbos. Ainda assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te: fizestes-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti (AGOSTINHO, 1997, p. 19).

O repouso em Deus é, justamente, o repouso em si mesmo. Em primeiro lugar, o próprio homem reconhece Deus como verdade pelo meio interior. O reconhecimento de Deus pela fé e pela razão consiste na vivência de uma vida beata e feliz, que é a lembrança de Deus. A alegria, a felicidade, a vida feliz, o sentido somente são possíveis ao homem que encontra a verdade.

Em suma, a felicidade que está no encontro com a verdade e se dá mediante o conhecimento verdadeiro que é Deus, verdade imutável. Por mais que o homem busque satisfação e alegrias fora de si, é dentro de si que tem o verdadeiro conhecimento do próprio Deus. Aurélio Agostinho só obteve uma vida feliz a partir do momento em que buscou corresponder à verdade que estava dentro de si.

A verdade é eterna e imutável. Não se pode negar a felicidade que Agostinho vive após o encontro com Deus. A resposta à inquietação que o filósofo demonstrava exteriormente encontrava-se no seu interior, como ele apresenta em suas *Confissões*:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas de tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste, a tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz (AGOSTINHO, 1997, p. 299).

Deus é o auxílio de todos os homens, enquanto antes os seres humanos devem ser conhecedores da verdade. Nesta perspectiva, o homem chegará àquilo que se denomina uma vida beata e feliz. O encontro com a verdade trouxe ao filho de Mônica a paz que tanto ele buscou por toda a sua vida. Em Deus se encontra o repouso, a paz, o belo, a razão, a luz, enfim, tudo aquilo que o filósofo precisava para viver bem, feliz e realizado.

A vida feliz em Santo Agostinho se deu no encontro com Deus, que habita a essência da alma humana. Desde sua origem, o filósofo foi guiado pelo Sumo Bem, que é o auxílio especial vindo de Deus. Viver a verdade é viver Cristo, que está na

alma humana e direciona o homem no caminho do bem. A filosofia agostiniana, em suma, se dá no amor que é a essência do homem, no encontro da verdade; com a liberdade que é o auxílio de Deus junto ao livre arbítrio do homem.

CONCLUSÃO

Concluindo este trabalho, notamos que a filosofia agostiniana foi de grande importância para a filosofia medieval, pois esteve presente no pensamento dos filósofos que o sucederam. Sua filosofia possui um caráter metafísico que transcende o espírito humano; ele não concebia a ideia de tratar o homem apenas em sua natureza; saiu em busca de uma transcendência, cujo objetivo era alcançar uma ideia absoluta que estava plena e realizada em Deus. Desse modo, chegou a uma incógnita: a verdade, a qual estimava que tinha de ser absoluta, universal e imutável.

Na construção da ideia de verdade defendida por Agostinho, fica nítido o contato e também as relações ocorridas com teóricos como Platão e Plotino, que contribuíram diretamente em sua filosofia, trazendo aspectos espirituais ligados à ideia de perfeição que se encontra em Deus.

De início, foram apresentadas as influências sofridas por Santo Agostinho em busca da verdade. Após o encontro, torna-se visível que essas influências ajudam a entender a relação íntima dele com a filosofia, como meio para alcançar uma verdade que fosse universal e absoluta. Seu êxito é potente, pois, ao elaborar a teoria da iluminação, fez ver a si mesmo que Deus é a fonte da verdade que ele procurava.

No decorrer do trabalho, no segundo capítulo, levantamos o questionamento sobre a harmonia entre as vias de fé e razão para o conhecimento do verdadeiro. Tal distinção só fora bem desenvolvida, porque Agostinho elaborou um pensamento perfeito com relação à verdade, Se a fé for desvinculada da razão, o homem se perde, pelo fato de não conseguir corresponder a sua realidade. Por outro lado, se a razão se desvincula da fé, ele não conseguirá ir muito longe, pois a realidade sensível não lhe daria uma realização compreensível da verdade.

Agostinho passa a tratar a semelhança como fonte da verdade e a dessemelhança como fonte da falsidade. A verdade só poderá ser alcançada por aquele que não agir falsamente, ou seja, não fazendo imitações, tentando fazer imagens falsas. O caminho a ser percorrido para se chegar à veracidade das ciências é o da transcendência, que parte do conhecimento da verdade, que é um sentido interior que guia e domina as coisas pelo juízo, expresso na realidade

humana, que é a dos sentidos exteriores em que são entendidas as coisas por meio da matéria visível.

O último capítulo expõe o modo como Agostinho entende a questão da vida feliz junto à verdade. Para o bispo de Hipona, conhecer a verdade é assumir um novo modo de viver, de pensar e de ser. No pensamento agostiniano a verdade é Deus e não há outra, sendo assim, a ideia de felicidade se baseia no próprio Deus e na beatitude alcançada pelo conhecimento humano de Deus. Apresentar a perspectiva da vida feliz no pensamento agostiniano nesse contexto é mostrar que a verdade deve ser buscada por todos os homens sob a inspiração da luz divina.

Não se pode dizer que Agostinho seja um filósofo ultrapassado, pois as suas ideias contribuem no conhecimento de uma filosofia metafísica e na relação com o absoluto. A filosofia agostiniana é um convite à contemplação da verdade da forma mais perfeita que lhe for possível, partindo de uma razão interna que procura a universalidade das coisas.

Em Agostinho percebe-se que para viver uma alegria verdadeira deve-se antes reconhecer a verdade que habita dentro de nós. O homem tem sede da verdade e por esse motivo deve ele evitar a falsidade e o engano. A verdade é Deus. Em Deus se encontra o repouso, a paz, o belo, a razão, a luz, enfim, tudo aquilo que o homem precisa para viver bem, feliz e realizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AGOSTINHO, Aurélio. **As confissões**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Quadrante, 1985.

_____. **As confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 17ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **A trindade**. Tradução de Nair Assis Oliveira. 2ed. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **A trindade**. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo; Domingos Lucas Dias; João Beato; Maria Cristina Castro Maia de Sousa Pimentel. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008.

_____. **A verdadeira religião**. Tradução de Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A vida feliz**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 2ed. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. 17ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Contra os acadêmicos**. Tradução de Nair Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **O cuidado devido aos mortos**. Tradução de Nair Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **O livre-arbítrio**. Tradução de Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Sobre a potencialidade da alma**. Tradução de Aloysio Jansen de Faria. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Solilóquios**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 2ed. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Solilóquios; A vida feliz**. Tradução Henrique Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

BENTO XVI. **Catequese do papa: Santa Agostinho, a busca da Verdade e o silêncio**. 2010.

BOEHNE, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BROWN, Peter Robert Lamont. **Santo Agostinho, uma biografia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CHARTELET, François. **A filosofia medieval**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

CORBISIER, Roland. **Introdução à filosofia**. Tomo II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

HAMMAN, A. G. **Santo Agostinho e o seu tempo**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Paulinas, 1989.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche na Alemanha**. São Paulo: Unijui, 2005.

OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. Santo Agostinho: a busca da verdade e a descoberta da felicidade. **Atena UFPE**. Universidade Federal do Pernambuco, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10521>>. Acesso em: 08 abril 2019.

PEREIRA JÚNIOR, Antônio. A superação da superação: apropriação/superação da dúvidas acadêmica na busca da verdade na filosofia da interioridade de Santo Agostinho. **Atena UFPE**. Universidade Federal do Pernambuco, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25657>>. Acesso em: 08 abril 2019.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

SRATHERN, Paul. **Santo Agostinho em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1989.

TEPE, Valfredo. **O sentido da vida**. Tradução de Nair Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1972.

VAZ, Henrique Lima. **A metafísica da interioridade: Santo Agostinho**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1968.